

MARIA FIRMINA DOS REIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ESCRITA FEMININA NEGRA

Dênis Moura de Quadros¹

RESUMO: Maria Firmina dos Reis é a mulher, negra, maranhense que foi um dos grandes achados na literatura advindos dos recentes estudos acerca da escrita feminina. Sua lista de publicações é pequena se comparada com escritoras atuais, contudo de extrema importância para a compreensão do momento histórico em que está inserida e de seu lugar de fala. Publica em 1859 o romance **Úrsula**, primeiro romance escrito por uma mulher que dá voz ao negro, não sendo ele (o negro) apenas objeto de seu romance, mas protagonista, além de dar voz à outro grupo reprimido: a mulher. Este trabalho pretende analisar, de maneira sócio historiográfica, a importância da escrita de Maria Firmina dos Reis, dando enfoque ao seu local de fala e como ele fica aparente em sua produção, bem como verificar os traços de Negritude, segundo Zilá Bernd (1984; 1987; 1988) presentes na produção dessa autora.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude. Escrita Feminina. Maria Firmina dos Reis.

RESUMÉ: Maria Firmina dos Reis est une femme noire, maranhense, qui était l'une des conclusions de la littérature découlant des études récentes de l'écriture des femmes. Sa liste de publications est faible par rapport aux écrivains actuels, et pourtant extrêmement important pour comprendre le moment historique dans lequel elle opère et sa place de la parole. Publié en 1859, le roman **Ursula** premier roman écrit par une femme qui donne la parole au noir, ne pas être (le noir) seul objet de son roman, mais protagoniste, en plus de donner la parole à un autre groupe refoulé: les femmes. Ce travail se propose d'analyser manière partenaire historiographique, l'importance de l'écriture de Maria Firmina dos Reis donner le focus à votre discours local et comment il est apparent dans sa production, ainsi que de vérifier les traces de la Négritude, selon Zillah Bernd (1984; 1987; 1988) présente la production de ce auteur.

MOTS-CLÉS: Négritude. Les femmes à écrire. Maria Firmina dos Reis.

¹ Mestrando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. E-mail: denis-dp10@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escrita de expressão feminina vem adquirindo atenção para seu campo de trabalho, tal atenção surge à partir da intensificação do movimento feminista que buscou essas vozes silenciadas, no caso de Maria de Firmina dos Reis(1825-1917), duas vezes por ser mulher e por ser negra. Historicamente falando, Maria Firmina dos Reis é a primeira produção literária de escrita feminina no Brasil, bem como, a primeira vez que o negro aparece como personagem e não apenas como objeto de crueldade ou piedade como o poema canônico de Castro Alves que é produzido em 1869, dez anos após a publicação de **Úrsula** que data de 1859.

Para tanto, se faz necessário para compreendermos essa importante obra, conhecer o lugar de fala dessa autora. Dessa forma, iremos conceituar **Negritude** segundo os estudos de Zilá Bernd (1984), bem como se configurava essa sociedade brasileira escravocrata em que Maria Firmina dos Reis estava inserida no momento de produção do romance **Úrsula** e do conto **A Escrava**. Salientamos que a autora foi autodidata e lecionava para crianças, posteriormente, gratuitamente sem fazer distinção de cor, raça ou credo no interior do Maranhão.

Por ser mulher e negra, discorreremos sobre a escrita feminina, e o feminismo, verificando os conceitos de escrita feminina tentando fugir da dicotomia de escrita feminina/escrita masculina, mas pensando na voz que Maria Firmina dos Reis dá a esse grupo marginalizado e oprimido pela sociedade da época. Traremos para a discussão do conceito, que não está fechado, mas em constante mudança e reflexão, as possibilidades de termos uma escrita feminina, entendendo-a como uma escrita de expressão feminina e não apenas por ser escrita por uma mulher.

NEGRITUDE E O LOCAL DE FALA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Primeiramente, definir um conceito de Negritude é algo muito complexo e, diversas vezes, caímos no erro de definir em linhas gerais um conceito tão amplo, tal qual discorrer sobre uma escrita de autoria feminina. Contudo, se faz necessário para compreender a importância da obra de Maria Firmina dos Reis, reconhecer esse seu lugar de fala. A questão da Negritude vem ao encontro do discurso abolicionista presente na obra da autora, um traço que aparece fortemente nos moldes da "resistência" ou de uma tentativa de resistir à opressão, nesse caso a Negritude.

Zilá Bernd, em **Negritude e Literatura na América Latina** (1987), fala, historicamente, do aparecimento da questão de Negritude e possíveis compreensões sobre ela.

Em seu primórdios, o desejo de reagir contra a assimilação está na base da negritude. A tendência dos povos negros colonizados, tanto na África quanto nas Américas, de assimilar a cultura europeia, alienando-se aos valores da cultura africana, originou a contrapartida da Negritude que traz em seu bojo a vontade de reencontrar uma identidade perdida, o desejo de opor ressurreição à assimilação (BERND, 1987, p. 24)

Essa busca por uma identidade negra que a Negritude tenta resgatar está pautada na negação do outro, na alteridade. A assimilação forçada de uma cultura que não é minha, ou não é de meus antepassados, se dissemina através das gerações e passa a ser uma constante na cultura negra que se impregna de uma cultura europeia difusa da sua. Essa assimilação traz para dentro de uma comunidade negra conceitos racistas, que vão contra sua cultura, mas que sobrevivem e se disseminam. É interessante notar que o termo surge como resistência ou como "vingança" no sentido que pretende jogar de volta a pedra atirada pelo branco, contudo assume um termo ofensivo como provocação e reafirmação de uma identidade mal vista pelos olhos do outro.

A Negritude surge como movimento em meados de 1934 em Paris, encabeçada pelos negros radicados na França, entre eles destacam-se Aimé Césaire (1913-2008), Léon Damas (1912-1978) e Léopold Sédar Senghor (1906-2001), todos negros engajados no propósito e na ideologia que o movimento iria defender. (BERND, 1987).

Os três eixos básicos em que o movimento se pautou foram, segundo Bernd (1987): uma tentativa de construir uma identidade; a rejeição dos modelos artísticos adotados pelos europeus e uma revolta contra a política colonialista. Esses eixos fundadores demonstram o caráter político, cultural e identitário do movimento que, na literatura, adota um caráter de resistência.

Negritude foi basicamente um movimento que pretendeu provocar uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador como único e universal. Essa revolução, operando um deslocamento de perspectiva, oportunizou a revalorização de outras culturas, como as de origem africana e indígena, que haviam resistido à voragem assimilacionista. (BERND, 1984, p. 52)

Essa ruptura proposta nos moldes da época a que o movimento se propõe a realizar, na literatura brasileira, que é nosso objeto de estudo, se dá pela escrita. Em outras palavras, o primeiro representante negro foi o advogado autodidata negro Luís Gama (1830-1882) que, como tantos outros, é apagado e silenciado. Luís Gama não escrevia poesias que seguissem o molde dos (consagrados) autores de sua época, mas escrevia trovas burlescas, o que, de certa forma, desconsidera a força e a forte presença da resistência em sua obra.

David Brookshaw, em **Raça e Cor na Literatura Brasileira** (1983), faz um apanhado da literatura brasileira dividindo sua obra em escritores brancos e escritores negros, trazendo à tona a representação da raça através da cor da pele, o que não é o correto, já que a escrita não tem cor ou sexo. Contudo, apresenta importantes obras nas quais o negro aparece como objeto em outras nas quais se percebe um "eco". Outra afirmação acerca da literatura negra, segundo Brookshaw (1983), é que não há rastros de uma literatura de autoria negra antes de 1850, contudo, percebemos que há sim, apagada e silenciada, mas viva e com fortes traços dessa Negritude.

Se é difícil determinar uma evolução contínua na área da poesia negra no Brasil, é ainda mais difícil procurar, identificar e classificar a obra em prosa de escritores negros (...) Em primeiro lugar, a expressão de uma conscientização nacional ou racial tem sido invariavelmente manifestada através da poesia, cujo impacto é mais imediato que o da prosa. (BROOKSHAW, 1983, p. 201)

O primeiro romance que Brookshaw citará será datado de 1951 que é **A Maldição de Canaan** de Romeu Crusoé. É de grande valia aos estudos da literatura negra a obra crítica de Brookshaw, contudo ela dá, apenas, linhas gerais dessa vasta literatura. Zilá Bernd, em **Introdução à Literatura Negra** (1988), resgata essa característica de uma literatura de resistência, mais acentuada em literaturas africanas, advinda de uma tentativa de resgate e de negação.

De acordo com Bernd é possível identificar essa literatura negra como uma tentativa de preencher uma lacuna criada pela perda da identidade após a assimilação da cultura branca ocidental. Bernd (1988, p. 29) afirma que: "As literaturas negras no Novo Mundo têm sua origem na crise de consciência do sujeito dominado (colonizado) que pretende a transformação do estatuto colonial pelo acesso ao discurso poético". Esse acesso não se dará

de forma amistosa, já que o lado dominante busca a opressão do outro lado, foi necessário a subversão, procurando chocar para se fazer ouvido, até mesmo pelos seus, pelos que fazem parte de sua cultura, mas a negam.

Sobre esse caráter de resistência, ponto marcante na literatura negra, Bernd (1988, p.95) nos diz que "Tendo sua gênese na rebelião, na insurgência contra a situação vigente, a literatura negra configura-se como uma forma privilegiada de autoconhecimento e de reconstrução de uma imagem positiva do negro.". Essa imagem formada do negro recai na busca de uma identidade e, por sua vez, de elementos da cultura africana que recoloquem e demarquem essa identidade.

O Local de Fala de Maria Firmina dos Reis

Pensada essa literatura negra e nos moldes que toma da Negritude, apresentando fortes traços de resistência (termo que será recorrente neste trabalho), se faz necessário pensar no lugar de fala de Maria Firmina dos Reis. Quem é essa mulher na sociedade onde ela está inserida e que sociedade é essa?

Começando pela sociedade brasileira do final de década de 1840, começo de 1850, enfatizando as lutas abolicionistas que, como conhecemos, iniciaram muito antes destas décadas com a resistência dos povos africanos. De acordo com Menezes (2009) já há registros de resistência e criação de quilombos no período colonial, bem como localiza o Brasil como o segundo maior país a receber escravos.

Maiores nação escravista até 1791, o Brasil foi superado apenas pelos Estados Unidos na medida em que este consegue desenvolver, com êxito, um modelo de reprodução de escravos ao tempo em que dificultava a manumissão individual dos escravos. (MENEZES, 2009, p. 87)

Então, podemos perceber que a nação brasileira recebeu um grandioso número de negros escravos advindos de diferentes regiões da África (lugares de colonização portuguesa) e que, mesmo sendo superado pelos Estados Unidos, tal número não subiu através da vinda de mais negros, mas de uma reprodução.

Além de ser um recente Império, livre da Metrópole portuguesa, em 1859, ano de publicação do romance **Úrsula**, o Brasil está sob a regência política de D. Pedro II que sobe ao poder em 1840. Além disso, os movimentos abolicionistas, que também lutavam pela proclamação da República, já se organizavam e pressionavam o Imperador.

No final da década de 1840, após a subida ao poder do Príncipe- logo aclamado Imperador- e cumprido o programa de unificação do país, são retomadas as pressões e os debates sobre o final do tráfico. Finalmente, após crises no relacionamento do Brasil com a Inglaterra, com os navios destas invadindo as águas territoriais brasileiras para aprisionar navios negreiros, em 1850 é aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, para o combate ao tráfico clandestino. (MENEZES, 2009, p. 88)

Fica evidenciado, dessa forma, que a abolição da escravatura em 1888 advém de uma intensa luta apoiada por grupos republicanos e por representantes negros símbolos dessa luta como o poeta Luís Gama. Em linhas gerais, conseguimos compreender a realidade política brasileira, além dos nomes envolvidos: homens. Essa concepção denota que a sociedade era patriarcal e que o espaço da mulher negra era nula.

Maria Firmina dos Reis era filha de mãe branca portuguesa, de quem herdou o sobrenome, e pai negro escravo, portanto, fruto de um relacionamento incomum e sendo, dessa forma, considerada bastarda. Maria Firmina foi autodidata e passou em um concurso público para professora de primeiras letras.

Vivendo em uma sociedade sustentada pela diferenciação, ancorada no patriarcado, estratificada entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos, legítimos e ilegítimos, Maria Firmina faz parte de uma parcela que estava à margem das decisões políticas de sua época, subordinada aos pais, maridos e senhores. Na sociedade na qual viveu e produziu, à mulher competia a casa, seus afazeres, as prendas materiais e espirituais, a função de tornar satisfatória e confortável a vida dos homens. (CORREIA, 2013, p. única)

Percebemos pelas palavras de Correia que Maria Firmina dos Reis representa todas as minorias que foram oprimidas: mulheres, negros, pobres e bastardos. Podemos dizer, inclusive, que ela além de estar à margem dessa sociedade, por trabalhar e ser independente, subverte toda falsa ordem presente neste sistema fechado patriarcal.

Compreendendo esse local de fala, podemos mensurar a importância não só do exemplo de Maria Firmina dos Reis como mulher negra que é professora de primeiras letras e

publica um romance nesta época conturbada, mas também a importância desses primeiros escritos que vão denunciar as opressões dessa sociedade, dando voz a esses grupos oprimidos.

A ESCRITA FEMININA: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Cada vez que falamos, neste trabalho, em escrita feminina estamos falando de escrita de autoria feminina, trabalhando com textos produzidos por mulheres, como é o caso do *corpus* deste trabalho: Maria Firmina dos Reis. O estudo acerca da escrita feminina surge em meados da década de 1960, sendo que já havia estudos anteriores, sendo que nesta década aconteceu o *boom* dos estudos feministas, resgatando várias obras e autoras silenciadas. Ao falarmos de escrita feminina, não podemos deixar de lado o feminismo.

De acordo com Heloísa Buarque de Holanda, na introdução da obra **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura** (1994), há dois polos da produção teórica feminista: polo de pesquisa francês e um outro polo de pesquisa anglo-saxônico. O primeiro, francês, vincula seus estudos na psicanálise e busca identificar uma possível subjetividade feminina. Já o polo anglo-saxônico enfatiza seus estudos na busca de obras silenciadas, pensando nelas como denúncias e reflexos do lugar de fala dessa escritora. Nossos estudos se pautaram no segundo polo, o anglo-saxônico, sem desprestigiar os estudos franceses, de grande valia para a compreensão do feminismo por trazer reflexões necessárias.

Uma teoria baseada em um modelo da cultura da mulher pode proporcionar, acredito eu, uma maneira de falar sobre a especificidade e a diferença dos escritos femininos mais completa e satisfatória que as teorias baseadas na biologia, na linguística ou na psicanálise. (SHOWALTER, 1994, p. 44)

Ao falarmos de uma escrita feminina corremos, quase sempre, o risco de cairmos na dicotomia de que para existir uma escrita feminina deve haver uma escrita masculina com traços opostos, contudo, como já nos posicionamos, não faremos uma análise da obra através da busca desses traços, que não existem, mas analisando a obra de Maria Firmina dos Reis através do seu local de fala, como está descrito no item acima, percebendo como a autora dá voz ao escravo e à mulher.

A análise que permite esta percepção do local de fala se pauta que o espaço que foi demandado para mulher não é o mesmo espaço dado ao homem, ou seja, a mulher foi proibida de frequentar, compreender e se envolver com política, por exemplo, durante muito

tempo. Apesar de ser a mesma sociedade, a educação dada a um e à outro é diferente, a bagagem cultural é diferente e quando se fala do negro dentro da sociedade brasileira, que ainda preserva marcas racistas nos dias atuais, o silenciamento é ainda mais maior.

Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo seu próprio tipo de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais e até suas próprias formas de dançar e cantar. (LEMAIRE, 1994, p.63)

O que Lemaire nos apresenta é, que mesmo inseridas na sociedade, as mulheres desempenharam papéis diferentes dos desempenhados pelos homens, ou seja, lhes foi negada a participação ativa na sociedade, lhes foi silenciada a voz. O lugar da mulher na sociedade e na família é o do confinamento da casa, portanto, ao pensarmos em algumas obras é possível ver o desenvolvimento de temas mais internos, como os afazeres domésticos, e escritos mais intimistas, de si, contudo não é possível identificar uma linguagem ou tema estritamente feminino porque temos que ver o lugar de fala.

Portanto, podemos dizer que a análise de uma escrita de autoria feminina que não pensa no lugar de fala, nem no papel que a escritora desempenha na sociedade onde está inserida deixa a desejar. É necessário pensar a escrita influenciada por esses elementos. Buscar traços femininos, a nosso ver, ou mesmo analisando, apenas, o texto sem pensar em seu contexto corre-se o risco de uma análise especulativa ou que não nos diz muita coisa. Ainda sobre essa reflexão geral, encerramos, momentaneamente, citando Antonio de Pádua Dias da Silva no artigo **Ainda Sobre a Escrita Feminina: Em que consiste a diferença** (2010), em que ele encerra com este questionamento.

Ao fim dessa reflexão teórico-crítica, percebo que ainda é necessário discutir e apontar precisamente em que consiste a diferença não entre a escrita literária de autoria masculina e a feminina, mas é preciso dizer com precisão, e apontando em textos literários o que é, o que marca e como se ler/interpretar os textos da chamada escrita feminina. (SILVA, 2010, p. 40)

É pensando nas palavras de Silva (2010) que analisaremos a obra de Maria Firmina dos Reis apontando onde aparece a voz da mulher e do escravo, bem como a crítica que a autora faz à sociedade em que está inserida, seu local de fala.

A CONFIGURAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA OBRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: O NEGRO GANHA VOZ

Nossos estudos enfatizarão o romance **Úrsula**, por representar um marco na literatura de escrita feminina, não apenas por ter sido escrito por uma mulher negra ou por dar voz ao negro, mas, também, por ser o primeiro romance que aborda o tema, fazendo uma crítica social. O primeiro ponto que analisaremos é como a própria autora vê seu romance como texto.

Mesquinho e humilde livro é esse que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2009, p. 13).

Fica evidenciado pelas primeiras palavras da autora que, mesmo após produzir o texto, ir à luta para publicação e conseguir publicá-lo, deixa marcas dessa resistência e desse menosprezo dado à ela por ser “(...) mulher brasileira” como ela mesma se refere. É válido lembrar que Maria Firmina dos Reis era professora de primeiras letras e tinha na época, como Virgínia Woolf cita: “(...) uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p.12).

Maria Firmina dos Reis acreditava que sua obra era menor, contudo tal afirmação não se sustenta pelo fato dela ter ido adiante com a publicação e continuar escrevendo ficção, que é o conto **A Escrava** publicado posteriormente. Dessa forma, o trecho se analisado da forma como propomos neste trabalho (o de lugar de fala da autora) notamos que os escritos refletem este lugar que, mesmo rompendo alguns padrões, colocaram a autora como uma escrita

menor, pontuada em critérios de gênero e raça. Sobre a voz silenciada do escravo, temos o seguinte trecho do romance:

Meteram-me a mim e a mais de trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2009, p.117)

Notamos que diferente do poema canônico que representa o movimento abolicionista, **Navio Negreiro** de Castro Alves, que apresenta o negro como objeto os quais quem detém da voz não é um negro, mas um jovem da sociedade procurando resgatar uma moral cristã. Esse uso do negro como objeto da produção ficcional presente no mulato Castro Alves, aparece como sujeito, dotado de voz, sentimento e alma na obra *Maria Firmina dos Reis*.

Entre entregar ao negro a pena da escrita e deixá-lo falar ao invés de falar por ele há uma grandiosa lacuna, pois ao não permitir que se ouça sua voz, denota-se que: ou ele não sabe falar ou o que ele fala não toca quem for escutá-lo. Esse fato, por si só, nos comprova que através de **Úrsula** de Maria Firmina dos Reis, o negro sobe um patamar que por muito tempo lhe foi negado: o de ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poderíamos ter falado de muitos outros temas recorrentes na obra de Maria Firmina dos Reis, bem como analisar com maior profundidade o romance **Úrsula** comparando-o com outras obras que fazem parte do cânone literário brasileiro. Contudo, o recorte proposto neste trabalho é pensar na escrita de autoria feminina e sua importância, bem como para os estudos culturais no que tange à Negritude.

Há vários estudos sobre o romance **Úrsula** e outros aspectos da obra, bem como vários trabalhos acerca da escrita feminina priorizando um ou outro polo. Contudo, o presente trabalho se prestou a refletir sobre o que é escrita feminina e como usá-la em uma análise, de ordem sócio-histórica, análise esta que leva em consideração o local da fala da autora. Ao analisarmos a obra de Maria Firmina dos Reis, enfatizando alguns aspectos, através deste olhar, até então novo nos estudos de cunho feminista, conseguimos perceber o quão importante é pensar escrita de autoria feminina por esse viés. Deixamos claro que não criticamos, no uso mais negativo do termo, outras análises que venham a somar nos estudos de escrita feminina, contudo nossa visão neste estudo está bem demarcada no que acreditamos ser uma análise válida por seu caráter histórico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. **Os melhores poemas de Castro**. São Paulo: Global, 1983.
- BERND, Zilá. **O que é Negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BROOKSHAW, David. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CORREIA, Janaína Santos. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: Uma Contribuição para a Escrita da História das Mulheres e dos Afrodescendentes no Brasil. **Revista Feminismos**. V. 1, n. 3, set-dez 2013.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de(Org) . **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. Feminismo em Tempos Pós-Modernos. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de(Org) . **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. Trad. Heloísa Buarque de Hollanda. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org) . **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Abolição no Brasil: A Construção da Liberdade. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n.36, dez. 2009, PP. 83-104.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 1ª edição 1859. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2009.

SHOWALTER, Elaine. A Crítica Feminista no Território Selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de(Org) . **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SILVA, Antonio Pádua Dias da. Ainda Sobre a Escrita Feminina: Em que consiste a diferença? **Interdisciplinar**. Revista de estudos da língua e literatura. Sergipe, ano 5, vol. 10, jan-jun de 2010. pp. 29-43.

WOOLF, Virgínia. **Um Teto Todo Seu**. Trad. Glauco Mattoso. São Paulo: Tordsilhas, 2014.